



# A INFLUÊNCIA DO DISCURSO RELIGIOSO NO ENSINO SOB A PERSPECTIVA DA SEMIÓTICA

Rafael Ornelas Dias<sup>1</sup>, Gabrielle Glauss<sup>2</sup>, Ana Santoro Meira<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, ornelasrafael12@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Gcglauss@gmail.com

<sup>3</sup> Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, santoromeira.ana@gmail.com

**Resumo:** Analisamos, neste artigo, as respostas da diretora e da vice-diretora de uma escola cristã em Belo Horizonte acerca de sua opinião sobre o ensino da perspectiva pedagógica, nas escolas. Nosso objetivo é entender como a religião influencia o ensino dos alunos. O objeto de análise estará registrado no suporte vídeo - essencial para entendimento desse trabalho e possível encontrá-lo, também, nos anexos- e os trechos analisados, transcritos no artigo. Como metodologia, decidimos nos basear no Percurso Gerativo do Sentido; a fim de observar, sob a perspectiva do Nível Narrativo, como opera a visão de mundo das depoentes.

**Palavras-chave:** Semiótica, ensino, religião, Percurso Gerativo do Sentido.

## 1. Introdução:

Neste artigo, analisaremos uma entrevista com as diretoras de uma escola cristã em Belo Horizonte. Essa entrevista foi realizada no mês de setembro de 2017, por uma aluna da UFMG com o intuito de compreender o discurso religioso usado nessa escola. A princípio, o grupo tinha por objetivo entender como esse tipo de discurso poderia interferir no aprendizado dos alunos, principalmente em relação à educação científica - obrigatória para todos, de acordo com a Lei das diretrizes e base da educação Nacional. Assim, as perguntas feitas pela estudante foram justamente no sentido de indagar sobre como era feito o ensino a partir da Bíblia, já que existem diversos conteúdos que aparentemente estariam em contradição com esse discurso.



A partir das perguntas feitas, as diretoras responderam e explicaram de acordo com a metodologia pedagógica do colégio. A análise dos trechos escolhidos foi feita sob a perspectiva da Semiótica.

A entrevista, gravada por um Tablet, é compreendida como um texto. Na definição de Diana Luz de Barros, “um texto defini-se de duas formas que se complementam: pela organização ou estruturação que fazem dele um “todo de sentido”, como objeto da comunicação que se estabelece entre um destinador e um destinatário”(BARROS, p.11, 2005).

O vídeo da entrevista completa encontra-se no YouTube e, aqui, apresentaremos transcrições para o Nível Narrativo e Fundamental dos trechos. Apesar de analisarmos os trechos pelo Nível Fundamental e narrativo, nosso maior foco será na superfície do texto: o Nível Discursivo.

Antes de partirmos para a análise do texto, acreditamos necessário esclarecer um conceito no qual as diretoras da escola defendem como base para o ensino da escola: a cosmovisão cristã. No site da escola ([colegiogetsemani.com.br](http://colegiogetsemani.com.br)), temos uma definição breve desse conceito:

O Colégio Batista Getsêmani é uma escola cristã de educação por princípios. Seus pressupostos filosóficos e epistemológicos se fundamentam numa cosmovisão bíblica do homem, da educação, do mundo e da sociedade. A Bíblia está no centro do currículo escolar, sendo ensinada de forma integrada aos demais conteúdos.

Entendemos como importante trazer o pressuposto epistemológico e filosófico da escola, pois, assim, conseguiremos melhor acessar a perspectiva de mundo das duas



mulheres.

## 2. Nível fundamental

O mais simples e abstrato, “nele surge a significação como uma oposição semântica mínima”(BARROS, 2005). No nosso caso, a oposição é entre a crença e a educação. Apesar do discurso das diretoras estar no sentido de dizer que as duas não entram em conflito, sabemos que fé e a educação são duas perspectivas diferentes de mundo e essa oposição encontra-se no fundo de tudo que é dito. Logo no início da entrevista, a diretora declara: "Aqui nós temos um diferencial: visão de um todo - o todo do mec - porém com um paralelo bíblico, discutimos, sim, todo ponto da ciência, mas também colocamos isso como entendemos isso numa visão bíblica, que não tem um certo e um errado, mas que nós acreditamos nisso. Nosso manual de vida é a Bíblia". No nível das estruturas fundamentais, sempre há uma euforia (positivo) e disforia (negativo), que estão em pólos opostos, mostrando o valor que o enunciador dá para esses conceitos, que estão em oposição. Nesse caso, por mais que se digam defensoras do saber científico, ele é disfórico, pois entra em conflito com a fé na Bíblia, que é eufórica, e colocado em primeiro plano.

Educação ----- Fé  
(disforia) (euforia)

Em um outro momento, a vice diretora, ao responder à pergunta sobre o ensino da história das religiões de matrizes africana e indígena, diz: “... nós pontuamos na Palavra. A Palavra de Deus é o centro. Existe isso [as religiões de matrizes africana e indígenas], mas Deus é o centro de tudo”. Estabelecendo uma relação de oposição semântica mínima, temos: centro (“Deus”, aqui tomado pelo o quê está escrito na Bíblia) e periférico (“isso”, aqui tomado como as religiões de origem africana e indígena). A adversativa “mas” vem para firmar uma hierarquia de relevância, na qual “Deus” é mais importante (eufórico), do que “isso” (disfórico).



## Nível narrativo

No Nível Narrativo, trabalhamos com os papéis actanciais: sujeito, objeto, destinador e destinatário. Durante a análise desse nível, devemos entender como se dá a relação entre sujeito e objeto. É interessante perceber que é atribuído ao objeto (doravante, O) valores, os quais transformam o sujeito positivamente ou negativamente (PIETROFORTE, 2010). Toda relação entre sujeito (S) e O vai estar estabelecido ou em conjunção ou em disjunção.

A seguinte fala da vice-diretora, nos ajuda a visualizar como se dá a questão da conjunção e o processo de transformação, que ocorre na relação S e O. Contextualizando: a entrevistadora aborda o imaginário de que a religião evangélica, muitas vezes, serve-se de “lavagem cerebral”, com a finalidade de incutir o conteúdo bíblico na mente dos fiéis. Em contra-partida, a vice-diretora responde veementemente: “a Palavra tem que tá intrínseca dentro de você. Você tem que acreditar. Tem que abrir seu coração e ver que é real, que faz diferença em sua vida. O Evangelho é transformador; é de dentro pra fora”.

Barros, fazendo uma comparação entre o Nível Narrativo e a sintaxe narrativa, diz: “Para entender a organização narrativa de um texto é preciso, portanto, descrever o espetáculo, determinar seus participantes e o papel que representam na historiazinha simulada” (BARROS, p.20, 2005). Nesse sentido, visando apresentar o(s) sujeito(s) presente(s) na resposta da vice-diretora, entendemos que ela está se referindo ao aluno ideal de sua escola, ele será o sujeito a ser transformado no processo.

Segundo a Dra. Ana Cristina Fricke Matte, professora da UFMG, o verbo ‘dever’ faz parte das modalidades virtualizantes (juntamente com ‘querer’). Na fala da vice-diretora, entendemos que a expressão ‘ter que’, repetida três vezes, assume a mesma



conotação do verbo 'dever'. No discurso, basta haver a menção de uma das modalidades primárias virtualizante, “para desencadear um Percurso Narrativo” (MATTE, DATA). Analisando a oração “Você tem que acreditar” (o aluno deve acreditar na Palavra), temos um S entrando em conjunção com o O:  $S \cap O$ .

Outra oração que assume a mesma lógica de conjunção é: “tem que abrir seu coração”. Nesse caso, podemos atribuir uma relação de oposição semântica básica entre fechado e aberto:

Fechado ----- Aberto  
(descrente) (crente)

A mudança de estado de um coração fechado para um coração aberto marcará a transformação do aluno, para a vice-diretora.

### Nível Discursivo

No Nível Discursivo, trabalharemos com os temas, figuras e isotopias - “procedimentos que conferem ao texto unidade semântica e o “ancoram” na instância da enunciação”(MATTE, 2009). Analisamos dois trechos da entrevista: “Nós, quando fazemos reuniões, nós oramos primeiro. Tudo o senhor é o centro, a palavra Deus é o centro. Os pais que às vezes são de outra seita ou outra religião eles sentem paz, sentem alegria e depois querem entender mais da nossa vida de fé”. E outro trecho: “nós não queremos um aluno robô, não queremos ficar injetando coisa na cabeça do aluno. Nós queremos que ele sinta, que ele viva e vivencie a palavra de Deus, que, para nós, é o livro, nossa prática de fé. E dá certo, e temos a vitória e tudo que desejamos nós alcançamos, porque ele alcançou por nós”.



Em ambas as falas, temos diversas figuras que estão dentro do tema educação, por exemplo: escola, reuniões, pais e aluno. Também temos diversas figuras ligadas ao tema fé, como: orar, senhor, palavra, Deus, seita, religião, o livro. Outro tema que aparece é o de “imposição religiosa” com as figuras robô, injetar, cabeça do aluno. Não podemos nos esquecer que “uma das formas de aclarar como cada cultura aborda determinados assuntos é examinar as relações paradigmáticas que os temas e as figuras a eles relacionados mantém entre si”(MATTE , 2009) Ou seja, na cultura ocidental, é normal que essas palavras estejam relacionadas a essas temáticas, e como interlocutores nós nos compreendemos e nos valem da compreensão figurativa para falar de diversos temas e ancorar nosso discurso.

Podemos, também, falar dos planos de leitura que dão unidade de sentido ao nosso texto: as isotopias. “A leitura consiste em selecionar uma ou mais isotopias que comandam a significação global”(MATTE, 2009). Falaremos aqui das isotopias de educação e religiosidade. Elas estão articuladas através de conectores como vivenciar, entender, sentir, vitória e alcançar, ou seja, palavras que podem ser lidas nos dois planos isotópicos. Porém, em alguns momentos, as isotopias entram em oposição quando aparecem desencadeadores como injetar e robô.

Vejamos outros exemplos. Uma das últimas falas da entrevista é a seguinte: " A gente tem tido a oportunidade de curar almas. Acima de ser uma diretora, eu me considero sim uma pastora." Aqui, percebemos mais uma vez o tema religioso através de figuras como ‘curar almas’ e ‘pastora’ e o tema educação com a figura da diretora. Entretanto, o que acontece é que a leitura do plano isotópico educação é superposta através do desencadeador “acima de”e “me considero”, e propõe-se um novo plano isotópico que é, novamente, o da religiosidade. Portanto, podemos notar que, através da figuração, o discurso é predominantemente religioso, ou seja, a educação é vista sempre por um viés bíblico, onde a fé está no primeiro plano.



### 3. Conclusão

Após a entrevista, os estudos iniciados e a confecção do artigo, o grupo conclui que o discurso religioso não opera de forma a se opor à educação formal, como ministrado no plano protótipo do senso comum, mas, sim, como forma de via para educação na qual a escola e os educadores cristãos colocam-na como transformadora.

Diante do Percurso Gerativo, vários pontos vieram à tona esclarecidos no estudo do discurso apresentado, nos quais, nesse aspecto, foram colocados âmbitos e unidades que formularam para conhecimento, convencimento e passagem de ideal. Tal montagem oratória se fez perante a um ponto central: a Bíblia é o principal de tudo, é a palavra educadora e da vida, sendo, portanto, transformadora, ao ponto de relações didáticas, que colocam o conhecimento funcional, em posição secundária.

Dessa forma, a cosmovisão toma forma no discurso religioso, unido à educação e não o contradizendo, mostrando, mais uma vez, a força que esse possui em uma massa. Tal discurso entrelaçado ao aspecto educacional, evidência demonstrada na entrevista em anexo, traz mudança de estado no sujeito que crê no religioso e não no educacional como formação de carácter pessoal.

No fim de trabalhos sempre nos deparamos com a questão: o que aprendemos com isso tudo? Bem, se através percurso gerativo descobrimos que no fundo de todo discurso há uma oposição, aqui pudemos confirmar esse aspecto, mas também perceber que uma oposição não implica uma contradição. Se essa escola possui como base de ensino a fé que está em oposição a educação científica e ela consegue englobar os dois, entendemos que é possível unir opostos num sentido de transformação. Certamente um sempre vai se sobrepôr ao outro em determinados momentos, mas não necessariamente negá-lo.

Essas conclusões nos permitiram perceber que tínhamos uma série de preconceitos



com a educação religiosa e o discurso evangélico. Assim, através da análise da entrevista alcançamos um respeito pelo discurso das educadoras, que se mostrou cheio de contradições, mas ao mesmo tempo lógico e pleno como qualquer outro. Nos encontramos satisfeitos com os resultados da pesquisa, que nos ajudou a compreender e traçar com clareza o percurso gerativo da semiótica e ainda nos mostrou a importância do respeito dentro de todos os âmbitos da vida.

## Referências

BARROS, D. Teoria semiótica do texto. 4ª edição. São Paulo: Editora Parma LTDA, 2005. 90 páginas.

MATTE, Ana Cristina Fricke; LARA, Glaucia Muniz Proença. Ensaio de Semiótica - Aprendendo com o Texto. Nova Fronteira, 2011.

## Anexos

<https://www.youtube.com/watch?v=U8tF2IERJGo> - parte I -

<https://www.youtube.com/watch?v=zkgmgipxCa4&t=9s> - parte II -

<https://www.youtube.com/watch?v=-pARjFFf1Zg> - parte III -